



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Centro Universitário de Ciências Humanas, Naturais, Saúde e Tecnologia de Pinheiro - MA
Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas

TÁCILA MARIA ARAÚJO CARVALHO

**CELEBRAÇÕES DE FÉ QUE FORTALECEM A MEMÓRIA E A HISTÓRIA:
documentação do Festejo de São José, em Guimarães, Maranhão**

Orientador: Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira

PINHEIRO - MA

2018



Celebrações de fé que fortalecem a memória e a história: o Festejo de São José, em Guimarães, Maranhão

Tácila Maria Araújo Carvalho¹

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados obtidos na pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Habilitação em História da UFMA – Campus de Pinheiro e tem como objetivo principal refletir sobre a prática religiosa no município de Guimarães, Maranhão, usando como estudo de caso o Festejo de São José, realizado entre os dias 01 a 10 do mês de setembro, organizado pela Paróquia de mesmo nome. Neste contexto, a pesquisa relaciona-se com as práticas religiosas tidas como populares e o seu papel enquanto suporte de memórias, histórias, narrativas e identidades de uma comunidade. Logo, compreendemos o Festejo de São José como uma manifestação de fé que se renova anualmente e pode ser considerada uma referência cultural de cunho imaterial de Guimarães. Neste artigo buscamos pela memória oral de alguns participantes que deram depoimentos e por fontes documentais, como cartas, cartazes, folders e fotos documentar as origens do Festejo, bem como sua influência na cidade, buscando revisitar um rico campo de investigação que são as festas religiosas cristãs.

Palavras-chave: Festejo; São Jose; Religiosidade. Celebrações; Guimarães.

Abstract

This article presents the results obtained in the research for the conclusion of the course of Human Sciences Degree - Habilitation in History of UFMA - Campus de Pinheiro and its main objective is to reflect on religious practice in the municipality of Guimarães, Maranhão, using as case study the Celebration of Saint Joseph, held from 01 to 10 September, organized by the Parish of the same name. In this context, the research is related to the religious practices considered popular and their role as support of memories, histories, narratives and identities of a community. Therefore, we understand the Feast of Saint Joseph as a manifestation of faith that is renewed annually and can be considered a cultural reference of immaterial character of Guimarães. In this article we search for the oral memory of some participants who gave testimonies and documentary sources such as letters, posters, folders and photos documenting the origins of the Festival, as well as its influence in the city, seeking to revisit a rich field of investigation that are religious festivals Christians.

Keywords: Celebration; São José; Religiosity. Celebrations; Guimarães.

¹Artigo apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Habilitação História. Discente do curso. E-mail: Tacilaaraujo2010@hotmail.com



INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados obtidos na pesquisa de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Habilitação em História da UFMA – Campus de Pinheiro e tem como objetivo principal refletir sobre a prática religiosa no município de Guimarães, Maranhão, usando como estudo de caso o Festejo do Glorioso São José, realizado entre os dias 01 a 10 de setembro, organizado pela Paróquia de mesmo nome. Neste contexto, a pesquisa relaciona-se com as práticas religiosas tidas como populares e o seu papel enquanto suporte de memórias, histórias, narrativas e identidades de uma comunidade. Logo, compreendemos o Festejo de São José como uma manifestação de fé que se renova anualmente e pode ser considerada uma referência cultural de cunho imaterial de Guimarães. Neste artigo buscamos pela memória oral de alguns participantes que deram depoimentos e por fontes documentais, como cartas, cartazes, folders e fotos para documentar as origens do Festejo, bem como sua influência na cidade, buscando revisitar um rico campo de investigação que são as festas religiosas cristãs.

Pelo exposto, o trabalho se justificou por dois aspectos principais. Em primeiro lugar destacamos o nosso desejo de registrar a história do Festejo para a população vimarense, devido à escassez de documentos, em segundo lugar, por contribuir para o conhecimento de sua história, e ainda também prestar homenagem ao Santo Padroeiro da minha cidade natal.

A abordagem teórico-metodológica para realização deste trabalho consistiu em quatro fases: levantamento bibliográfico e documental, em fontes primárias, a exemplo de cartas, atas, ofícios e outras bases documentais depositadas na Paróquia de São José, realização de entrevistas com sujeitos relacionados direta ou indiretamente com a celebração, acompanhamento e documentação do Festejo e sistematização dos dados. Portanto, trata-se de um trabalho de cunho teórico e empírico que reflete o interesse desta discente em construir conhecimento e narrativas sobre este objeto de estudo.



Em termos espaciais, o Festejo de São José ocorre em Guimarães, Maranhão, cidade localizada entre as Reentrâncias e a Baixada Ocidental Maranhense, correspondendo à antiga baía de Cumã, habitada no passado por índios Tupinambá.

No processo de desenvolvimento da pesquisa vários obstáculos foram encontrados, com destaque para a dificuldade em se reunir a documentação existente sobre o Festejo de São José, visto que a mesma é rara e dispersa. Além disso, as que foram encontradas não forneceram subsídios suficientes para que se pudesse fazer um estudo mais aprofundado. Nessas situações, a memória oral do público entrevistado auxiliou na construção da pesquisa, juntamente com algumas imagens.

Este artigo se inicia com a apresentação da perspectiva teórico-metodológica para embasamento deste estudo, seguida a descrição sucinta sobre a cidade de Guimarães e a sua relação com o Festejo de São José, que já é realizado há 81 anos, seguindo da abordagem sobre a celebração e finalizando com a perspectiva que esse estudo possa registrar o evento, resgatando informações que poderão ser úteis a futuras pesquisas acadêmicas sobre a mais que bicentenária Guimarães.

1 PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Comprendemos as celebrações religiosas para além de atos de fé. Nelas, histórias, memórias, liturgias, identidades e sentimentos de pertencimento e coesão são mantidos, negociados, renegociados e esse ciclo fornece as bases para as organizações comunitárias em torno de entidades, como é o caso da Igreja Matriz de Guimarães. Portanto, neste artigo consideramos o Festejo de São José como uma expressão de fé de caráter intangível e imaterial que é celebrada anualmente e que envolve vários agentes da cidade.

Neste contexto, o mesmo pode ser considerado uma referência cultural para a cidade de Guimarães, conforme indica o artigo 2º da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (UNESCO, 2003, p. 11), que considera patrimônio cultural imaterial como:



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Centro Universitário de Ciências Humanas, Naturais, Saúde e Tecnologia de Pinheiro - MA
Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

A partir dos anos 2000, uma nova perspectiva para os estudos dos bens históricos e culturais surgiu com adoção do conceito de *referência cultural*. Essa nova categoria, até então utilizada apenas para os bens imateriais, promoveu importantes reflexões na prática preservacionista em curso. Neste contexto, se consolidou a ideia de que a construção dos patrimônios históricos e culturais deve “fazer sentido” e “ter valor” para outros sujeitos sociais, especialmente os que produzem ou mantêm esses bens, conferindo a eles critérios de significado, pertencimento e ação (SANT’ANNA, 2006).

Cavalcanti (2008) informa que, segundo o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro pode envolver muitas categorias, a exemplo dos saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam. Essa definição bem indica o entrelaçamento das expressões culturais com as dimensões sociais, econômicas, políticas, entre outras, que articulam estas múltiplas expressões como processos culturais vivos e capazes de referenciar a construção de identidades sociais.

Para a mesma autora, o conceito bens culturais de natureza imaterial é muito amplo e é dotado de forte viés antropológico, envolvendo as expressões de todos os grupos e camadas sociais (CAVALCANTI, 2006). Essa perspectiva teórica foi adotada pela Constituição Brasileira, que considera o patrimônio cultural brasileiro sendo formado por:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:



- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1. O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de registros, vigilâncias, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, 1988, [S.P]).

Para organizar o patrimônio cultural brasileiro foram criados 4 livros de registros pelo Decreto 3.551/2000, conforme as seguintes categorias para categorizar a diversidade das referências culturais imateriais:

- 1) Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.
- 2) Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas.
- 3) Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social.
- 4) Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas.

Portanto, conforme exposto, o Festejo de São José de Guimarães, se inserido em um desses livros que formam o patrimônio imaterial do Brasil, estaria inserido na categoria de Celebrações Religiosas.

Sobre a metodologia utilizada na pesquisa, a mesma vem sendo bastante utilizada em estudos desse caráter e denomina-se de *Inventário de Varredura ou Reconhecimento*. Trata-se de uma metodologia utilizada pelo orientador desta pesquisa, o Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira, que serve para caracterização dos bens históricos e culturais de determinada região podendo-se relacionar a uma categoria específica de bem ou a um determinado tema. Os resultados gerados pelos inventários



são de grande valia para a construção de mapas históricos e culturais ou para fornecerem subsídios para elaboração de políticas culturais para salvaguarda, proteção e divulgação desses bens (BANDEIRA, 2018, inédito).

O inventário de conhecimento é o principal instrumento desenvolvido pelo IPHAN para realização de pesquisas com as temáticas históricas e culturais, sobretudo em regiões desconhecidas. A esse respeito, Soares (2009, p. 286) comenta:

O inventário é indicado nominalmente em dispositivo constitucional como um dos instrumentos para promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro. É um instrumento de proteção dos bens materiais e imateriais, móveis e imóveis, públicos ou privados, nacionais e estrangeiros. Além disso, pode ser feito por entes públicos e privados, com adoção de metodologia pré-determinada pelo órgão cultural ou com o uso de metodologia desenvolvida por outros experts ou profissionais que lidem com patrimônio cultural.

Para o IPHAN (2018), inventariar significa também encontrar, tornar conhecido, identificar. Descrever de forma acurada cada bem considerado, de modo a permitir a sua adequada classificação. Portanto, exige uma rigorosa pesquisa, organização e sistematização das informações obtidas, que deve seguir as fases de desenvolvimento de uma pesquisa científica (LONDRES, 2000, 2006). Logo, a realização de um Inventário depende de que se definam de antemão e se tipifiquem as ocorrências concretas que serão consideradas pertinentes, que no caso em questão são as referências históricas e culturais enquanto suportes de memórias, histórias, identidades e territorialidades.

Como exemplo de ficha de coleta de *Inventário de Varredura e Reconhecimento* apresentamos a Ficha de Contextualização Geral do IPHAN, conforme a Figura 1.



The image displays two versions of the 'Ficha M101 - Contextualização Geral' form. The left version shows sections 1, 2, and 2.6. Section 1 includes fields for territorial records and identification. Section 2 covers location details like UF, Municipality, and Locality. Section 2.6 includes a map area. The right version shows sections 4, 5, 6, 7, and 8. Section 4 is for geographic context, section 5 for image selection, section 6 for maps, section 7 for sources, and section 8 for keywords.

Figura 1 - Ficha de Contextualização Geral do IPHAN. Fonte: WWW.IPHAN.GOV.BR

1.1 Fases da pesquisa

Em um primeiro momento foi definido com o orientador, prof. Arkley Marques Bandeira o objeto de pesquisa do TCC. No caso em questão, buscamos inventariar a Festa de São José, realizada no município de Guimarães por mais de 80 anos. Optamos por pesquisar essa celebração pelo fato de existirem poucos materiais de referência sobre essa importante referência cultural da cidade.

Após a definição do objeto, a pesquisa foi desenvolvida em três fases:

Etapas 1 – Planejamento e preparação da pesquisa – Levantamento Preliminar

- ✓ Realização da pesquisa histórica, iconográfica, audiovisual e bibliográfica, consultando órgãos públicos federais, estaduais e municipais, instituições e entidades de pesquisa;
- ✓ Agendamento de um calendário de entrevistas com os informantes sobre o Festejo de São José

Etapas 2 – Pesquisa de campo – Identificação e documentação

- ✓ Realização das reuniões preparatórias com os informantes;
- ✓ Realização da pesquisa de campo com a realização das entrevistas;



- ✓ Participação no Festejo de São José, em 2017;
- ✓ Sistematização da informação.

Etapa 3 – Processamento das informações

- ✓ A fase final consistiu em redigir o TCC.

2 A HISTÓRIA DE GUIMARÃES E O PAPEL DA IGREJA CATÓLICA

“Não teríamos Igreja se Jesus Cristo não tivesse nascido. É Ele a presença de Deus no mundo. Tudo converge para Ele e tudo parte dele em favor dos filhos de Deus, que são irmãos entre si.”

(ARNS, 1981, p.91.)

A Cidade de Guimarães, inicialmente denominada Fazenda de Guarapiranga, foi fundada por João Teófilo Bruno de Barros, abastado, alcantarense, branco, detentor de muitos bens, ao final dos anos 1751. No leito de morte nomeia seu filho bastardo José Bruno de Barros aos 32 anos e a escrava Silvana Pestana como herdeiros de todos os seus bens. O herdeiro já possuía outra propriedade conhecida como Sítio Juçara, hoje município de Cedral do Maranhão, onde seus negócios já prosperavam.

Posteriormente, devido a muitos prejuízos, José Bruno se desinteressa pelas terras herdadas e as doa para a Coroa Portuguesa, pois não conseguia controlar a fuga de escravos, a renovação da mão-de-obra servil, pois os poucos que restaram já estavam velhos. A Fazenda Guarapiranga foi elevada à categoria de Vila de São José de Guimarães de Cumã e mais tarde, por influência de seu padroeiro, designou-se Vila São José de Guimarães e, atualmente, Guimarães.

De acordo com o que diz Dom Paulo Evaristo Arns (1981), sabe-se que a Igreja tem que assumir um grande papel dentro da sociedade, pois apesar do seu imenso poderio, sempre demonstrou interesse em ensinar a doutrina cristã e manter o catolicismo entre os colonos portugueses. Os Cristãos chamam de Igreja a comunidade toda do povo de Deus.



E um dos caminhos podem ser os atos litúrgicos, a exemplo das celebrações cristãs, a exemplo das festividades, que são formas marcantes da nossa civilização, pois sempre tiveram um conteúdo essencial, um sentido profundo e sempre exprimiram uma concepção de mundo.

A histórica cidade de Guimarães tem relações profundas com a presença católica na região, que em 2018 completou seus 260 anos. Essa mesma Igreja que no início participou dos atos de evangelização dos indígenas, atualmente, revive uma tradição do seu povo, inspirada na religiosidade deixada pelos portugueses, seus colonizadores. Neste contexto, a Igreja Matriz de Guimarães sempre participou dos Festejos, como uma grande colaboradora, principalmente na área religiosa, desenvolvendo um trabalho participativo com o apoio das comunidades de base, sobretudo, a Equipe Litúrgica, o Conselho Administrativo da Igreja e a Comissão Organizadora dos festejos, para juntos, tomarem desenvolverem um trabalho que envolva a comunidade em torno das festividades da fé.

Neste contexto, tais entidades, juntamente com a Igreja sempre demonstraram intensa preocupação com o Festejo de São José, pelo fato deste ser uma tradição existente no Município, e que a cada ano vem ganhando mais devotos e crescendo em grandes proporções. Fato é que todos os vigários que passam pela paróquia de Guimarães dão continuidade a essa tradição, fazendo com que essa celebração possa ser compreendida como uma referência cultural



Foto 1 – Igreja Matriz de São José. Foto: TÁCILA MARIA ARAÚJO CARVALHO, 2018.



Foto 2 – Altar da Igreja Matriz de São José. Foto: TÁCILA MARIA ARAÚJO CARVALHO, 2018.

A devoção a São José encontra grande aceitação no Maranhão, a exemplo da Basílica e lugar de peregrinação da fé em São José de Ribamar, na Ilha de São Luís. Sobre a fé em São José, o Pe. Valdete Fonseca Costa comentou ao ser entrevistado para essa pesquisa:

A Igreja é um lugar de acolhida, de amor ao próximo de devoção ao Pai todo Poderoso. A devoção a São José é a mais segura de todas as devoções, porque ele mesmo foi sempre o mais devoto de todos e ainda é lembrado



como Patrono das Famílias e dos operários no mundo inteiro, é comprovada pelo grande número de homens e mulheres que levam seu nome.

2.1 O Festejo de São José

A vertente teológica do Festejo de São José origina-se a partir da devoção do fidalgo José Bruno de Barros, solteiro, morador em seu sítio Juçara de Cumã, com 36 anos de idade. Em 13 de abril de 1755, requereu ao Bispo diocesano, D. Frei Antônio de São José, licença para levantar em seu sítio, uma capela dedicada ao glorioso São José, de quem era muito devoto, pois alegava morar muito distante da freguesia e lhe ser muito penoso ir com seus escravos todos os domingos e dias santos à Vila, o que além de lhe causar grande incômodo, trazia-lhe prejuízo na cultura de suas lavouras, com o afastamento dos mesmos, por isso pedia licença para ter um capelão que, celebrasse missa e lhe administrasse os sacramentos necessários (OLIVEIRA, 2007, p.51).

O Arcipreste, Dr. João Rodrigues Covete, provedor e vigário geral do bispado, julga por sentença o predito patrimônio e concede a licença para construção daquela obra pleiteada. Apesar da grande devoção de José Bruno de Barros a São José, a comunidade vimarense não demonstrava total devoção pelo padroeiro. Havia outras festas religiosas que eram comemoradas pelos vimarenses. Somente a partir de 1936, quando o Monsenhor Benedito Estrela já era vigário de Guimarães, que teve a ideia de comemorar os Festejos do Padroeiro, que no ano seguinte caracterizou, de forma mais abrangente, com arraial, culminando com uma procissão marítima.

Neste contexto, compreendemos o Festejo de São José como uma grande celebração de fé, inserida no rol de comemorações religiosas do município de Guimarães. Ela também pode ser considerada uma festa popular, no sentido colocado por Cattani (2006), que informa que as festas populares são comemorações ou eventos festivos, cuja principal característica é a participação da comunidade na sua realização e manutenção, dando um caráter de coletividade. Elas são marcadas pela presença das heranças históricas, tradições regionais, rituais religiosos, comidas, músicas, danças e roupas típicas. Ocorrem em diversas localidades do Brasil, mas algumas são específicas de determinadas cidades ou regiões.



No caso das festas católicas os ritos são mais elaborados e respeitam um calendário de planejamento e organização, pois incluem as missas, as novenas, as procissões, as coletas de doações e o ato festivo em si. Sabe-se que festejo significa “festividade, solenidade”. Nesse contexto inclui-se a religião que, por sua vez, é uma tentativa que o homem faz de unir-se a Deus, através de sua crença nos poderes divinos.

Segundo Simone Maria Araújo Cardoso, entrevistada nesse estudo relatou:

A festa de São José ela tem um detalhe ela é uma festa de doação, você se doa a festa, eu sou devota de São José é um trabalho, e você tem que ter disponibilidade pra fazer aquele trabalho, é uma demonstração de fé, de acreditar que no que você crer e que vai acontecer (depoimento de Simone Maria Araújo Cardoso, 49 anos, Residente na Rua do Porto, Guimarães - MA).

No rol das expressões de fé, o que se observa nas entrevistas realizadas é que os cristãos vimarenses também têm a sua forma de expressar sua religiosidade, a partir do momento em que participam e vivenciam a festividade, conforme relatado por depoimento de Simone Maria Araújo Cardoso: “a grande fé expressada” nas faces de cada homem, de cada mulher, de cada criança, durante o festejo religioso, nota-se o prazer com que se dispõe a tal manifestação de doação”.

2.2 O Festejo de São José e as suas funções

O Festejo do Glorioso São José é atualmente a principal festa de caráter religioso que se realiza em Guimarães, não só pelo respeito ao calendário anual que não falha, seriedade, devoção, mas igualmente, porque possui funções sociais importantes relacionadas ao domínio da fé, da memória em torno da história da igreja, da identidade do povo católico e da celebração dos ciclos da vida.

Neste sentido, observamos que o Festejo de São José é dividido em duas grandes fases, que por sua vez, se dividem em ações menores, sendo que todas compõem o calendário preparatório da festividade. Em relação às duas fases, o Festejo divide-se em: Fase de Organização e a Fase de Realização.



2.2.1 A fase de organização

Inicia-se, geralmente a organização do festejo nos meses de março, quando o vigário da Paróquia nomeia uma comissão organizadora formada por pessoas que participam ativamente dos eventos religiosos ou que participam regularmente dos atos litúrgicos da Paróquia. Então é montado um calendário de reuniões, onde serão discutidas, analisadas e planejadas todas as ações da celebração do grandioso evento. Traçado o cronograma, a comissão responsável pela organização do Festejo começa a se mobilizar, na tentativa de desempenhar um bom trabalho e atender as expectativas da Comunidade Vimarense.

Observa-se que, em se tratando de forma de organização além do padre e religiosos da Paróquia, um grande número de pessoas lideradas especialmente por Dona Ana Lucília Melo, Alessandra Cordeiro e Dinamara Pontes contribuíram e ainda contribuem, para que a festa do Glorioso São José se reafirme como uma das mais concorridas da Região da Baixada e Litoral Norte do Maranhão.

As reuniões costumam ocorrer na sede comunitária da Paróquia ou nas casas de membros da comissão.

2.2.2 A fase da realização

Nos anos iniciais ao festejo era constituído apenas de um tríduo, apenas três dias de festa. Atualmente, compõe-se também uma novena, que se inicia, geralmente, numa sexta-feira anterior ao Festejo que finaliza num domingo seguinte. Após esses atos é feita a abertura da celebração, seguida de orações, ladainhas e cantos em louvor ao Padroeiro, na Igreja Matriz, dando continuidade na Praça dos Sagrados Corações. Durante muitos anos, o festejo também se realizava na Praça Luís Domingues, que se localiza no centro da cidade.



Figura 3 – Missa campal ao lado da Igreja Matriz de São José. Foto: Simone Maria Araújo Cardoso, 1993.

Durante a novena, acontece a tradicional alvorada musical em meio ao estourar dos foguetes. O movimento de venda de comida, lanches, com jogos e sorteios ocorre na ex-quadra esportiva, hoje praça, que em seu redor constam várias barracas, pertencentes às candidatas concorrentes ao título da “Rainha da Festa”.

Segundo depoimento do escritor Paulo Oliveira, “até o ano de 1993, o palco de madeira servia para exibições folclóricas, de promoções de shows, gritos de leilões, desfile de candidatas, enfim, a própria coroação da Rainha da festa.”

Na verdade, o palco foi extinto, assim como as grandes gincanas, que arrastavam muitos jovens e o som das grandes radiolas e bandas de músicas. Hoje, as apresentações são realizadas na própria Praça e não se observa grande quantidade de jovens, mas apenas senhores e senhoras participantes ativos e presentes no festejo do padroeiro.

No âmbito da realização, há ainda a ornamentação da Igreja e da Praça, onde é criado um Largo para os festejos. Trata-se de uma atividade desempenhada por outros colaboradores e devotos de São José que enfeitam os locais com balões, bandeirinhas, flores, para louvar o santo.



Figura 4 – Teatro Guarapiranga, Noite Cultural de São José. Foto: Simone Maria Araújo Cardoso, 1993.

2.3 O Festejo ontem

No gênese da celebração do Festejo, que segundo relatos orais, se estende a idos de 1935, as comemorações a São José eram feitas no mês de março, apenas com orações, acompanhadas de ladainhas, leilões em frente a Igreja Matriz. Todas essas atividades eram desempenhadas com muita fé. Somente em 1936, houve a procissão marítima, por incentivo do Padre Estrela, onde os marinheiros comandavam as embarcações.



Figura 4 – Procissão Marítima, Foto: Nonato Brito, 1993.

Segundo depoimento do senhor Walber Ferreira Pereira, coletado no âmbito desta pesquisa, é relatado:

Então a festa de São José é o seguinte neste ano de 2018 vai fazer oitenta e dois anos, dia de São José é dia 19 de Março, porque esse que dia de São José, mas como é o período do inverso, ai fica, se faz uma novena, de 10 a 19 de março, se faz cada noite fica um grupo responsável pra rezar, cantar e mais a festa se realiza em setembro, por causa do período chuvoso, então ai porque tem que ver questão lua, porque antigamente, ainda se pensava na lua, porque não tinha transporte, pessoal vinham andando do interior, com o luar, a luz com motor depois parava, então a questão de lua com a maré com grande influência, porque tem a procissão marítima é a coisa mais linda, hoje já nos traz dificuldade da procissão marítima porque nois não temos mais barco como antigamente (Depoimento do senhor Walber Ferreira Pereira, 70 anos, Residente na Rua Dias Vieira, Guimarães - MA).

O que pude deduzir é que os devotos depositavam grande responsabilidade e confiança nas pessoas desses marinheiros, no grande percurso da procissão marítima que, nas décadas de 30 e 50, era feita de Guimarães a São João de Cortes, em Alcântara e vice-versa, sendo muito habilidosos para domar as grandes ondas que esse percurso marítimo oferecia.



À frente de todas as outras embarcações, destacava-se a condutora da imagem do Padroeiro. Nesse cortejo, São José visitava São João e este, por sua vez, vinha, até a cidade de Guimarães, deixar o seu digno visitante e voltava, logo em seguida, para sua localidade.

Neste mesmo contexto, a senhora Ana Lucília relatou para fins dessa pesquisa:

Tinha um barco da Ponta da areia que vinha de São João de Corte, e vinha pro porto daqui, vinha pro Porto de Guarapiranga; ai botava o Santo, ele fazia até promessa, gostava todo ano do barco dele carregar São José né? Vinha de barco a vela, era maré bonita, por isso que tem influência da Maré e Lua porque na hora que a maré dé no Guarapiranga ai que dá pra incostar o barco e todo mundo acompanhar que sai do Guarapiranga e sai pro porto ai as outras conoas outros barquinhos, cantando, com os músicos tocando, tocando foguetes, ai o povo contente pra chegar lá na rampa, o trajeto da procissão é essa, sai do porto de Guarapiranga pra Rampa (Depoimento da senhora Ana Lucília, 56 anos, residente na Rua do Porto, Guimarães - MA).

No mesmo ano de 1936, o Monsenhor Benedito Estrela deixou na Paróquia o Hino ao Padroeiro, que desde essa época os católicos cantam, com bastante vibração, principalmente na procissão marítima, conforme citado a seguir:

São José recebei neste prece
Coração virginal das crianças
Para nele fugir constelado
Claro céu todo cheio de esperança

Ave, ave, ave ave, São Jose

Juventude a vós consagrada
Esperança da pátria Brasil
Desperta-a, vibra-a altaneira
Num arroubo de fé varonil

Navegantes os filhos das ondas
Vendo nelas sepulcro, a morte
Nas angústias das lutas nos mares
Sede sempre seu guia seu norte



Protegei nossa classe operária

Oh! Querido patrono José

Para que sua faina constante

Seja sempre uma prece de fé

A família patrono querido

Dispensai paternal proteção

Seja Deus e pátria seu lema

Toda a vida de seu coração

Esta terra que Deus abençoa

Vos consagra os filhos que tem

E vos pede com grande fervor

Coroai-vos com lírios do bem.

Segundo os informantes, a letra, música e autoria do hino de São José são de autorias do próprio Monsenhor Benedito Estrela, composto em 1936. O hino ao padroeiro São José continua sendo cantado em terra e mar com muita vibração por centenas de fiéis. A sua relação com a navegação é que a primeira estrofe além de ser cantada em terra, é incansavelmente cantada em mar por centenas de romeiros e fiéis do Santo padroeiro que estão embarcados.

Podemos ressaltar, conforme já feito anteriormente, que segundo depoimentos de Ana Lucília:

Ainda que no início, o Festejo era comemorado apenas num espaço de três dias: tríduo; era feita apenas uma barraca na praça, onde havia quermesse, sortes e outras atividades como leilões, livro de ouro. A comissão do Festejo era composta por Presidente, Vice-presidente, Secretário e Tesoureiro, juntamente com pessoas colaboradoras, que saíam pelas ruas da cidade pedindo esmolas (frutas, jóias, criações) para leiloar, a fim de arrecadarem capital em benefício da igreja (Depoimento da senhora Ana Lucília, 56 anos, residente na Rua do Porto, Guimarães - MA).

A partir do ano de 1957, houve modificações em relação ao roteiro da festa, surgindo a ideia de comemorar o festejo durante um novenário, sendo que cada noite tinha um responsável para ajudar na organização cultural e religiosa do evento, obedecendo-se ao seguinte roteiro:



- Noite das Crianças
- Noite das Senhoras
- Noite dos Funcionários Públicos
- Noite dos Comerciantes
- Noite dos Lavradores
- Noite dos Marítimos
- Noite dos Artistas
- Noite da Mocidade
- Noite dos Vimarenses ausentes, que moram em São Luís

Traçado esse roteiro, a festa transcorria com muita tranquilidade, pois apesar de cada noite ter um responsável, havia um grupo de apoio formado pelo vigário e por representantes de várias organizações religiosas tais como: Apostolado da Oração, União de São José, Cruzada Eucarística e Filhas de Maria.

A esse respeito, o Padre Estrela, assim chamado carinhosamente por seus colaboradores desempenhou um grande trabalho na Paróquia de Guimarães, inclusive o de ritualizar o Festejo de São José como o legítimo padroeiro da cidade, pois havia outros santos cujas festas superavam a do padroeiro, como as dedicadas a Santo Antônio, São Benedito, Divino Espírito Santo, entre outros.

Foi graças a ele que também houve uma mudança no calendário da festa, anteriormente realizado em março, mas devido às fortes chuvas e os prejuízos causados ao evento com cancelamentos, passou a ser comemorado geralmente no mês de setembro ou outubro, quando o verão já estava definitivamente vigorando.

Com a mudança do Padre Benedito Estrela para a cidade de Coroatá, seus substitutos, dois jovens húngaros recém-ordenados, Pe. José Vig e Pe. Ladislau Papp, não tendo muita influência em Guimarães, contribuíram para que o festejo decaísse e só com a chegada do Padre Luís Zacchinatto, na década de 50, é que os festejos ganham notável destaque, ajudado também pela chegada dos canadenses que muito contribuíram com os rituais e celebrações cristãs de Guimarães.



Um fato curioso narrado em mais de um depoimento, lembra que antigamente era o presidente da Comissão de Organização que se responsabilizava para custear todas as despesas, juntamente com o apoio dos demais membros da Comissão. Outro fato interessante é que a partir de 1957, surgiu a ideia de realizar uma disputa entre candidatas durante o festejo, que até então não havia, com isso as famílias vimarenses tiveram mais oportunidades de participar do festejo, permitindo suas filhas para concorrerem à “Rainha da festa”. O primeiro concurso foi disputado entre ritmos musicais da época: bolero, valsa, tango, etc.

Um aspecto que difere de outrora, é que, as disputas geralmente são entre duas ou três barracas, deixando assim uma ansiedade e um clima tenso entre as pessoas que trabalham nas mesmas.

Outro concurso que se destacou bastante foi o que apresentava uma grande “Barca de Madeira”, representando a classe marítima e a outra, uma grande “Aldeia”, representando os índios de Guimarães. Este foi um sucesso e daí, por diante, inúmeros outros concursos foram realizados, sempre no período de novena.

Anteriormente, o Festejo não recebia romeiro de outras localidades, devido à falta de divulgação, ou seja, era mais para a comunidade do próprio município. Mais entre os anos de 1994 a 1997, o Festejo do Glorioso São José tomou um novo impulso, com a participação de um grupo de jovens na organização do evento. O Grupo Cultural São José desempenhou um grande trabalho durante esses quatro anos, a exemplo do Festejo em 1998, que além da parte religiosa, composta por ladainhas em todas as noites na Igreja Matriz, também houve o acompanhamento por alguns músicos da cidade com; orações, cantos dedicados ao Padroeiro, caminhadas todas as manhãs, percorrendo as ruas da cidade e retornando à igreja.

Na parte cultural foram organizadas barracas ao redor da Praça dos Sagrados Corações, onde é realizada a festa. Essas barracas tem por objetivo vender comidas, bebidas e produções artesanais. Cada barraca é representada por uma candidata que no último dia da festa concorre ao título da “Rainha da Festa”. Vale à pena ressaltar que a candidata que arrecadar mais somas em dinheiro será a candidata eleita Rainha.



Entre 1994 a 1997 os festejos também eram animados por uma enorme radiola que envolvia com o seu som todo o ambiente do arraial, sendo prestigiada por crianças, jovens e adultos em suas danças, dentro da quadra, finalizando a noite com uma grande banda de música que reúne grande quantidade de festeiros da cidade.

2.4 O Festejo hoje

Com base nas memórias de festeiros e organizadores do Festejo de São José e avaliando a situação atual da celebração, percebemos que muita de sua originalidade se perdeu. Essa constatação pode ser percebida no depoimento de Paulo Oliveira:

Não se vislumbram mais os afamados donativos, véspera ou dia da última noitada da novena, quando grupos de pessoas percorriam as ruas, a fim de recolherem doações populares, junto às casas, para os leilões da noite, ou gerarem divisas para a igreja. (Depoimento de Paulo Oliveira, 69 anos, residente em Cumã, Guimarães-Ma).

Apesar disso, ainda se mantém a procissão marítima, que acontece no domingo. Convém destacar que a mesma é a única dessa natureza na região, percorrendo toda a Baía de Cumã, num percurso que dura cerca de 20 minutos, sempre acompanhada por embarcações típicas das comunidades pesqueiras, até o cais da cidade, onde pessoas esperam ansiosas pela chegada do Santo.

Logo que o Santo desembarca, as pessoas seguem em procissão pelas ruas da cidade para que todos vejam e conheçam a beleza da Celebração. Após passarem por todo o trajeto já traçado anteriormente em reunião, seguem rumo a Igreja Matriz, onde ocorre uma missa campal, pois dentro da igreja não suporta a grande quantidade de fiéis.

Atualmente, a cada ano a festa divulga um tema central para reflexão, sempre fazendo referência aos temas geradores da Igreja Católica, ressaltando a vida de Jesus Cristo e baseada na campanha da Fraternidade da CNBB. Como exemplo, a Paróquia de Guimarães, juntamente com a Comissão Organizadora escolheram no ano de 2015, o seguinte tema: “São José e a Igreja a serviço da sociedade”, um tema que exigiu uma reflexão bastante aprofundada com relação ao compromisso e a responsabilidade da



Igreja em relação a família, educação, até porque sabe-se que São José foi um bom pai, um bom educador e assumiu responsabilidades de uma família, isto é, um modelo de homem.

Em documento encontrado na Paróquia, temas de anos anteriores foram:

1986 - “A igreja de Guimarães em busca da terra prometida”;

1993 - “São José, exemplo de Companheirismo, solidariedade e partilha”;

1997 - “Ser José hoje...;”

2012 - “São José exemplo de vida e fé para os jovens”;

2015 - “São José e a Igreja a serviço da sociedade”;

2016 - “São José, nos ensina a viver as obras da misericórdia”;

Atualmente, conforme já ressaltado, a comemoração do Festejo acontece em setembro, ficando sob a responsabilidade de cada noitante a preparação da novena e da missa. A programação é bastante diversificada, com todos os devotos e a população se envolvendo a todas e todos em torno de um único propósito: angariar fundos para melhoramento dos espaços religiosos. Ao seu início realiza-se uma missa, e no decorrer acontecem gincanas, ladainhas e missas. Ao seu termino, a partir das 15 h acontece à procissão marítima, seguida da procissão terrestre que se encerra ao Largo da Igreja de São José, onde ocorre a grande missa campal que simboliza o encerramento de toda a programação do Festejo anual.

Em relação ao aspecto promocional e de divulgação, cabe destacar que o Festejo é divulgado por várias mídias e meios, a exemplo do livro de ouro, cartazes, folders, santinhos, camisetas, faixas com imagens e frases alusivas ao Santo e a sua história e as suas relações com a cidade de Guimarães.

Nos dez dias de festa, a cidade se modifica, com os devotos entusiasmados e resplandecendo muita alegria, onde se vê bastante envolvimento de todos em busca de um bem comum: a celebração da fé, sobretudo, dos coletivos que trabalham nas novenas. Durante a novena, há grupos responsáveis pelos cantos litúrgicos,



celebrações e ainda um coral, com o objetivo de animar as celebrações e a procissão, cantando o hino e a ladainha ao padroeiro, deixando a novena mais alegre. Esses grupos de trabalho acatam as instruções fornecidas pelos representantes da Igreja e a Comissão Organizadora, onde as relações são harmônicas, fator que contribui para o êxito da festa.



Figura 5 – Lado de fora da Igreja matriz de São José. Foto: TÁCILA MARIA ARAÚJO CARVALHO, 2017.

3 PROMESSAS E PROMESSEIROS

Um aspecto essencial na Festa de São José relaciona-se com as promessas e promesseiros, pois no ciclo das celebrações, onde a comunidade Cristã é levada a fazer promessas, pedidos ou graças ao santo do qual é devoto, sendo que as pagações de promessas são realizadas no ato da realização da festa.

Os pagadores de promessas, durante a procissão, estão descalços, mal vestidos ou se vestem com roupas do santo, ou carregam algo ou dádivas que prometem. As promessas são feitas nos momentos de aflição, para obtenção de uma graça, geralmente vinculadas a uma situação de vida pessoal ou resolução de doenças, acidentes, obtenção de emprego, curas, etc. Diante dessas situações e convicção que a pessoa tem, juntamente com a fé, pede-se ao santo a graça desejada, prometendo-se



em troca, algum ato expressivo de reverência. Vê-se, nesse contexto, que a promessa é uma troca de favores entre devotos e santos, no sentido da dádiva colocada por Marcel Mauss (1974).

No pagamento de uma promessa o devoto dirige-se diretamente ao santo sem haver interferência do sacerdote. Há casos em que o devoto paga a mesma promessa todos os anos, como foi destacado no depoimento da senhora Clenilde Abreu:

São José, se vós fizer com que Artur José Gomes Farias ganhe essa eleição, nem que seja por um voto de diferença, eu irei da minha casa até a vossa Igreja de joelhos por 7 anos. Naquele momento eu pensei em tudo, mas a minha fé foi maior e em poucas horas, saiu o resultado onde o meu candidato era o prefeito da nossa cidade, tendo na frente oito votos. Entrei na dispensa e chorando de muita alegria e felicidade, agradei a São José, a Deus, enfim aos céus. (Depoimento de Clenilde Abreu, 54 anos, residente a Praça Luís Domingues, nº154, Guimarães - MA).

Observa-se pelo depoimento que o ato de fé ou quando o fiel tem fé se consegue tudo. Ao receber a sua graça ou dádiva, essa senhora conseguiu a graça. Por este motivo, todos os anos ela pagava sua promessa, indo de joelhos até a igreja. Porém, há outras formas de pagar promessas de acordo com as necessidades apresentadas, como é o caso da senhora Aldalena Ferreira da Silva:

Quando tive câncer na mama, de acordo com a fé que eu tenho, isto é um exemplo muito concreto, então eu prometi a São José que se eu tivesse que tirar a mama, que eu já sabia que tinha que tirar, porque era maligno, e se eu conseguisse, e que não tivesse nenhum problema, de eu ter vida, eu daria para ele um seio de cera. (Aldalena Ferreira da Silva Melo, 70 anos, residente a Rua Dias Vieira S/N, Guimarães - MA).

O pagamento de uma promessa é considerado de vital importância para essas pessoas, elas geralmente carregam o andor do Santo ou acompanham o Santo de perto, sendo estes dois dos principais privilégios para muitos romeiros.



Figura 6 – Promesseira Aldalena Ferreira da Silva Melo. Foto: TÁCILA MARIA ARAÚJO CARVALHO, 2018.

4 ENCERRAMENTO DO FESTEJO

Um dos ápices do Festejo é o seu encerramento, com a grande alvorada e a tradicional procissão marítima e terrestre. A procissão marítima percorre 20 minutos via mar até a chegada na rampa da cidade. Após a descida do Santo da embarcação, ele segue por todo o trajeto terrestre chegando até a Praça dos Sagrados Corações, onde dar-se início a Santa Missa pelo vigário da Paróquia, atualmente o Pe. Valdete Fonseca Costa, que conta que faz apenas 4 anos que se encontra diante daquela Igreja, mas que se sente privilegiado por tal merecimento.

Todos escutam as palavras firmes do padre ao rezar e agradecer aos fiéis, devotos e visitantes que estão presentes e participando da Festa. Observa-se nesse momento, a emoção toma conta dos devotos, que por meio das palmas e lágrimas saúdam o Santo, com muita fé e união. O número de pessoas que acompanha a procissão é grande, pois a igreja não suporta e a grande missa acontece ao ar livre, ao lado da Igreja Matriz.



Ressalta-se ainda que no ano de 1997, as celebrações tiveram a participação de padres vindos de outras paróquias durante toda a novena. Apenas no último dia do Festejo é que o vigário, padre William Silva Guimarães, fez o encerramento da parte religiosa do festejo, ficando por conta da Comissão, a parte cultural. Neste viés, é importante lembrar que as barracas existentes dentro do arraial são pertencentes aos candidatos que durante as noites de festa trabalham com garra para concorrerem à disputa. Por volta das 22h30min da noite é feita a conferência do capital das mesmas e divulgado o resultado do arrecadado. Após esse ato, tem-se o desfile das candidatas, momento na qual a Rainha do ano anterior passa a faixa para a Rainha do ano em curso.

Após todo esse ritual, o Festejo de São José é dado por encerrado. São ditas palavras que elogiam a empolgação e a participação dos envolvidos, sobretudo pela beleza da festa. Afinal é uma tradição festiva que só engrandece o coração de todos os participantes naquele ato de fé e devoção, como colocado pela senhora Alessandra Cordeiro:

Pra formar essa comissão para organizar o festejo do ano seguinte tem um sorteio, as pessoas vão colocam seu nome para sortear. No domingo último dia na procissão ele anda com o saquinho, onde já botaram os nomes das pessoas, que tenham experiência de igreja, que vai na igreja que tenha participação, não pode botar uma pessoa que nunca tenha ido na igreja pois fica mais difícil, depois que termina a missa, que faz todos os cantos ai o padre sacode o saco, sacode o saco e vai tirando os nomes, o primeiro nome que sair é o presidente, cada vez que mete tira a diretoria e as pessoas de apoio, então isso ai é o início para poder formar a comissão, formou a comissão 2017 para comissão 2018 quando termina uma festa já se sabe quem é que vai fazer o próximo ano, que vai se responsabilizar para planejar esta festa todinha (Depoimento da senhora Alessandra Cordeiro, 45 anos, residente na Rua Gonçalves Dias, Guimarães - MA).

No final do festejo todo dinheiro arrecadado é passado para as mãos do Presidente do Conselho Administrativo da Igreja, que é empregado na manutenção e conservação da mesma. No decorrer de todos esses anos (1936 - 2017), os Festejos vêm adquirindo notável destaque, apesar dos informantes afirmarem que no passado ele era bem maior e mais representativo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme relatado, anualmente, todos os anos no período do Festejo do Glorioso São José, a comunidade Vimarense demonstra um clima de muita fé, união e solidariedade cristã. Os festejos exercem grande influência na vida dos fiéis da nossa comunidade, pois é um momento que anima e traz a vontade de viver a fé mais forte em nosso padroeiro. Essa é uma grande oportunidade para que um grande número de pessoas visite nossa querida terra. Até mesmo os Vimarenses que têm residências fixas em outras localidades aproveitam o ensejo religioso para retornarem ao município de origem, a fim de encontrarem parentes e amigos e participarem das celebrações, sendo hoje, também uma atração turística, cultural e religiosa de Guimarães.

Uma informação importante é que muitos Vimarenses ausentes também enviam suas doações ao padroeiro da cidade. Segundo a senhora Carmelita de Carvalho Cuba, “o povo vimarense contribui com o festejo da maneira mais significativa possível, dando alimentos e outros donativos.”

Vale ressaltar que o festejo anteriormente era mais interno, não era tão divulgado. Sendo atualmente um evento mais atrativo, mais chamativo e mais divulgado em toda a região do Litoral Ocidental.

Conforme exposto, o trabalho aqui realizado partiu de uma relação sentimental com o Festejo de São José. Nele, tentei demonstrar a grandeza espiritual que é despertada no momento da festividade, expressada na vontade de comemorar, participar e viver momentos alegres; de rezar, cantar ao nosso Santo Protetor, que olha e protege a comunidade por meio da fé e perseverança. É também um momento de reencontro dos filhos da terra e uma reaproximação dos povos do litoral e da Baixada, em louvor ao padroeiro.

Conforme relatado, percebeu-se que a realização do Festejo do Glorioso São José é de grande importância para a cidade de Guimarães, pois além de servir como meio de divulgação da nossa cidade, contribui bastante para coesão social por meio da fé e da crença. Logo, foi de suma importância os relatos de pessoas de fé e que



mantêm vida a tradição de celebrar esse Santo. Portanto, seria impossível realizá-lo sem a colaboração dos sujeitos sociais.

Um ponto que ressaltamos é que independentemente da crença em São José pretendeu-se ressaltar a importância de se resgatar a memória oral, preservando a história dessa celebração, enquanto uma referência cultural de Guimarães, servindo de incentivo para que as novas gerações futuras possam dissertar sobre as referências culturais de nossa terra.

REFERÊNCIAS

ARNS, Paulo Evaristo. **O que é igreja**. Ed. Integral. São Paulo. Brasiliense, 1981.

BANDEIRA, Arkley Marques. **Plano de trabalho do Inventário de varredura e reconhecimento dos bens históricos e culturais do Bioma Amazônia do Zoneamento Ecológico-Econômico do Estado do Maranhão**. São Luís: IMESC, 2018.

CATTANI, Luciana *et al.* **Maravilhas do Brasil: festas populares**. São Paulo: Escrituras, 2006.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Patrimônio cultural imaterial no Brasil: estado da arte. In: **Patrimônio imaterial no Brasil**. Maria Laura Viveiros de Castro e Maria Cecília Londres Fonseca (Orgs). Brasília: UNESCO: Educarte, 2008.

LONDRES, Cecilia. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. **Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

_____. **Patrimônio Imaterial: o registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: Ministério da Cultura /Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006.



MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Edusp, 1974.

OLIVEIRA, Paulo. **Cronologia da história de Guimarães**: Homenagem aos seus 250 anos. 2ª ed. São Luís, 2007.

SANT'ANNA, Márcia. Avanços da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In Patrimônio Imaterial: **O Registro do Patrimônio Imaterial**: dossiê final do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura /Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006.

SOARES, Inês Virgínia P. **Direito ao (do) Patrimônio Cultural Brasileiro**. Belo Horizonte: Fórum, 2009.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**, de 17 de outubro de 2003. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cartas patrimoniais**. 3ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

AROSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.

AMADO, Marieta de Moraes Ferreira (Ed.). Usos e abusos da história oral. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2014.